

# NOVO HORIZONTE DE VALORIZAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS

Ruy Fabiano

**D**esde o fim do regime militar, em 1985, e mais ainda após o fim da Guerra Fria, em 1988, com a queda do Muro de Berlim, as Forças Armadas brasileiras foram postas na berlinda.

Passaram a ser questionadas em numerosos aspectos acerca de sua destinação, havendo mesmo quem indagasse se ainda faziam sentido, num mundo em que a guerra ideológica havia sido banida e a guerra convencional definitivamente substituída pela guerra tecnológica.

A equação simplória era assim posta: se houver guerra, nossas Forças Armadas não têm como enfrentar a tecnologia implacável dos inimigos do Primeiro Mundo. Se não houver guerra, menos sentido ainda faria sustentar exércitos e armamentos, desperdiçando recursos que podem ser melhor empregados na educação e saúde públicas, sobretudo num país pobre e carente de tudo como o Brasil.

Esse raciocínio chegou a ser explicitado, com todas as letras, pelo ex-presidente do Banco Mundial, Robert McNamara, que exerceu fun-

**A**s múltiplas transformações geopolíticas do planeta, ditadas pelo avanço tecnológico, o fim da Guerra Fria e a globalização das economias, recolocam em exame o conceito de soberania, mas não eliminam o papel das Forças Armadas. No Brasil, além de sua missão essencial - de defesa da integridade do território -, as Forças Armadas exercem numerosas funções complementares, sobretudo no campo social. Presentemente, empenham-se num processo de reciclagem - de tecnologias, métodos e de pessoal -, de modo a melhor atender as crescentes demandas que a sociedade lhes impõe.

ções de comando junto à Secretaria de Defesa dos Estados Unidos, no governo de George Bush. Chegou a propor que os exércitos do Terceiro Mundo se transformassem em polícias, voltadas exclusivamente ao combate ao narcotráfico. Quanto aos eventuais inimigos externos, bastaria pedir socorro aos Estados Unidos, a polícia do planeta, e tudo estaria resolvido, sem maiores problemas. Simples, não?

A Guerra do Golfo, segundo esse raciocínio, teria mostrado a

inutilidade do aparato bélico convencional diante da alta tecnologia dos mísseis controlados por chips de alta precisão. Os Estados Unidos deram um passeio nos exércitos bem-treinados e equipados de Saddam Hussein, submetidos a formidável vexame logístico.

---

### **Analogia**

---

**D**iante do espetáculo arrasador oferecido pelas câmeras de TV, a indagação tornou-se inevitável: o que aconteceria se fosse conosco? O que poderíamos concretamente fazer se, por hipótese, os Estados Unidos desejassem dominar a Amazônia? Do ponto de vista operacional, pouca coisa. Não temos, afinal, o mesmo aparato tecnológico. Mas, do ponto de vista político, é melhor ter forças armadas débeis que simplesmente não tê-las.

Um país sem forças armadas é, em si, um paradoxo, pois que estas são um de seus mais expressivos símbolos de soberania. Ter forças armadas não significa que se vá guerrear. O princípio clássico, aliás, é inverso: "Se queres a paz, prepara-te para a guerra", é o lema dos exércitos. A Suíça, por exemplo, se tivesse, por hipótese, que se defrontar com a Inglaterra ou Estados Unidos - ou mesmo com o Iraque de Saddam Hussein -, seria certamente dizimada do ponto de vista operacional.

Aplicado o raciocínio de McNamara, a Suíça, diante dessa fria realidade tecnológica, dispensaria seus soldados - inclusive os que prestam guarda simbólica junto ao Vaticano - e iria cuidar apenas de fabricar relógios e chocolates e incrementar seus bancos com contas secretas. Não gastaria dinheiro com a manutenção de soldados inúteis.

Só que tal não acontece. Com toda a sua fragilidade operacional e tecnológica, lá estão as forças armadas suíças, a simbolizar a soberania daquele minúsculo país. Quem quiser afrontá-las, terá que arcar com o ônus moral do massacre diante da opinião mundial - e sobretudo da história.

---

### **Cobiça**

---

 exemplo suíço pode ser transposto para numerosos outros países: Paraguai, Uruguai, Namíbia, Coreia, Bélgica, Hungria - e, claro, Brasil. O que nos diferencia desses e de outros países sem tecnologia bélica de última geração são alguns fatores fundamentais: extensão territorial, importância geo-política, população, pluralidade étnico-cultural, entre outros. Em português claro, há razões bem mais relevantes para que o Brasil desperte hoje a cobiça internacional que qualquer outro país do chamado Terceiro ou mesmo Segundo Mundo.

**E**is, então, que vivemos um paradoxo: internamente, desprestigiamos as Forças armadas, tratando-as mal, do ponto de vista orçamentário, o que se traduz em equipamentos bélicos precários e contingente humano mal-remunerado; porém, mais que nunca, dadas as circunstâncias geopolíticas presentes, internas e externas, necessitamos dramaticamente de seus serviços.

---

### **Demandas**

---

**E**sse é o dilema maior das instituições militares brasileiras no presente: torna-se cada vez maior e mais exigente a demanda por seus serviços, sem a contrapartida óbvia da melhoria de suas condições de trabalho. Aí merece realce um aspecto que valoriza sobretudo o papel político-institucional das Forças Armadas brasileiras: o âmbito cada vez maior de suas atividades complementares.

Como se sabe - e sobretudo em um país pobre e com as peculiaridades territoriais do Brasil -, as Forças Armadas incorporam dois tipos básicos de atividade: a essencial, que consiste na defesa da integridade do território e da soberania nacionais; e a complementar, que se traduz nas numerosas ações de apoio às demais instituições do país, sobretudo na área social.

Exemplos? Somente em 1994, as Forças Armadas - o Exército, sobretudo - tiveram papel de destaque em duas importantes iniciativas. A

primeira: distribuição emergencial de alimentos. A segunda: a execução do convênio entre os governos federal e estadual do Rio de Janeiro, com o fim de combater o narcotráfico.

No primeiro caso, tratou-se da maior operação de distribuição de alimentos do mundo, segundo avaliação da Coordenação Nacional Executiva do Programa de Distribuição Emergencial de Alimentos (PRODEA), pois que atendeu a uma população de dez milhões de pessoas - equivalente a toda a população de Portugal -, numa faixa territorial maior que a Europa Ocidental: Nordeste, norte de Minas, leste do Maranhão.

No segundo caso, a Operação Rio, ainda em curso, está exigindo, além de equipamentos e mão-de-obra, sofisticada logística, pois que não se trata de operação de guerra convencional e sim de polícia, em que o inimigo é enfrentado a céu aberto, sob as vistas da população civil, cuja integridade tem de ser preservada.

Não apenas: cabe ao Comando Militar do Leste a responsabilidade adicional pelo saneamento das polícias civil e militar, cujo comprometimento com o crime organizado as inviabilizou temporariamente para o cumprimento de sua missão institucional.

Esses dois episódios serviram para esvaziar a discussão acerca da inutilidade de forças armadas em país pobre, sem tradição guerreira. O

crime organizado do Rio tem como matriz a precariedade da guarda das fronteiras, por onde passam o tóxico e o armamento pesado dos bandidos. Essa tarefa cabe primordialmente às Forças Armadas (ainda que em parceria com a Polícia Federal e a Receita Federal) e exige volumosos recursos, dadas as dimensões e complexidade geográficas do país.

E mais: cresce a influência do Brasil no âmbito internacional, o que o leva a ser requisitado, com frequência cada vez maior, a participar de forças militares de paz, sob o comando da ONU. Isso produz contrapartidas importantes, inclusive na área econômica e diplomática, de que o Brasil tem sabido tirar proveito. Mais um campo de ação em que a presença militar ganha realce.

Para que tenha bons serviços nessa área, a sociedade brasileira, por meio de seus governantes, precisa viabilizar o reequipamento da instituição militar e melhor remunerar seus efetivos. Para isso, precisa aumentar sua participação no Orçamento da União, que, desde o fim do regime militar, caiu substancialmente.

Com todo o desgaste e desprestígio que sofreram pelo prolongamento do exercício direto e autoritário do poder, nos anos pós-64, as Forças Armadas jamais perderam a reputação de reserva de contingência da sociedade.

É preciso garantir a integridade da troca da moeda em todo o território nacional para viabilizar o Plano Real? Chama-se, então, o Exército para cuidar do assunto. Há necessidade urgente de recapear as estradas e as empreiteiras, envolvidas em diversas ações de corrupção, não merecem confiança? Convoque-se o Batalhão de Engenharia do Exército. A administração pública está liquidada pela ação predatória do Governo Collor e precisam ser removidos os focos de corrupção interna? Nomeia-se um general (Romildo Canhima) para ministro-chefe da Secretaria da Administração Federal. A polícia carioca não dá conta dos bandidos? Chama-se os militares.

E assim por diante, numa cadeia infindável de exemplos, que confirmam a atualidade da presença das instituições militares no Brasil.

---

## **Futuro**

---

**P**ara atender a essa nova realidade institucional, cada vez mais complexa diante das vertiginosas transformações do mundo de hoje, as Forças Armadas brasileiras começam a rever posturas e padrões de serviços. O Exército, a maior e mais representativa das três Forças, saiu na frente. Promoveu, em setembro, seminário interno, intitulado "Exército 2000", cujo objetivo é iniciar estudos para ampla reciclagem de mão-de-obra.

**N**a primeira parte do seminário, convidou gente influente da sociedade civil - intelectuais, políticos, economistas. Na segunda parte, ouviu especialistas de exércitos de outros países, que já passaram por reciclagem semelhante: Estados Unidos, Inglaterra, França, Portugal etc.

O que se pretende reciclar? Muita coisa. Num mundo transformado pela tecnologia - cujo poder não está apenas na capacidade destrutiva no campo do material bélico, mas sobretudo na velocidade e eficiência que dá à informação e à organização estrutural -, impossível manter as coisas como dantes. Como lidar com a questão da soberania, num mundo em que as economias se globalizam e referenciais como a moeda tendem a se internacionalizar?

São perguntas que desafiam a lógica militar clássica, mas estão longe de inviabilizá-la. O Estado-Maior do Exército, sua instância formuladora de estratégias, detecta quatro aspectos sobre os quais pretende concentrar o processo de transformação e modernização de sua estrutura, de modo a adequar-se para melhor cumprir sua função institucional, no futuro que já chegou:

1. Estrutura Organizacional - Adoção de técnicas modernas de gerenciamento, como a Gestão da Qualidade Total, de modo a racionalizar serviços e incorporar tecnologias.

2. Estrutura de Pessoal - Adotar políticas que valorizam a profissão (já incluída a família do militar).

3. Estrutura de Material - Absorver novas concepções de logística, atualizar massa crítica na área tecnológica, apoiando o desenvolvimento de projetos e aquisição de material.

4. Adestramento - Preparar recursos humanos para lidar com essas novas realidades e, sobretudo, adestrá-los para as novas concepções logísticas decorrentes da aquisição de novas tecnologias. É preciso, quanto a isto, reciclar os colégios militares e interiorizá-los, mantendo-os como estabelecimentos-modelo de ensino, mas em sintonia com os novos tempos.

Esse esforço de modernização do Exército passa, segundo dois estrategistas de seu Estado-Maior, general-de-divisão Gilberto Alfama Bandeira (3º subchefe) e general-de-brigada Synésio Scofano Fernandes (assessor para Assuntos de Ensino e Modernização) pela criação de um núcleo de excelência, que consistirá num conjunto de órgãos, no qual se façam investimentos mais expressivos em pessoal e em meios: os institutos de pesquisa, as escolas de formação, especialização, aperfeiçoamento e altos estudos, além das diversas unidades de pronto emprego, incluindo a aviação do Exército.

**C**om isso, pretende-se suprir deficiências estruturais de correntes da precariedade de recursos e atingir, num prazo relativamente curto, os seguintes objetivos:

1. manter força de pronta resposta, capaz de atender com presteza e eficácia a eventuais ameaças.
2. conservar, dentro da estratégia de dissuasão, poder de combate capaz de desestimular eventuais antagonistas.
3. possibilitar ao país atender compromissos internacionais.
4. reduzir o hiato tecnológico em relação a exércitos mais modernos.
5. manter os efetivos motivados para a necessidade de contínuo aperfeiçoamento profissional.
6. servir de centro irradiador de novas técnicas e táticas para a totalidade da instituição.

O objetivo, num prazo mais longo, é que a qualidade inicialmente obtida com esse núcleo de excelência alcance todas as Forças Armadas. Uma coisa é certa: sem elas, não há soberania ou paz social. Mas, para que cumpram bem essa missão, precisam estar em sintonia com as crescentes demandas de um mundo em mutação, que a cada três anos dobra o volume de conhecimento tecnológico acumulado e exige aperfeiçoamento profissional

constante de todas as instituições. No ritmo possível, o Brasil acompanha esse processo. E, ao que parece, ninguém mais, de boa fé, perde tempo discutindo se as Forças Armadas são ou não necessárias. Discute-se, sim, como torná-las aptas, daqui para a frente, para atender a tantas necessidades institucionais.

---

## Resumen

### NUEVO HORIZONTE DE VALORIZACIÓN DE LAS FUERZAS ARMADAS

Los múltiples cambios geopolíticos del planeta, dictados por el avance tecnológico, el término de la Guerra Fría y la globalización de las economías, ponen nuevamente en análisis el concepto de soberanía, pero no eliminan el papel de las Fuerzas Armadas. En Brasil, además de su misión esencial - de defensa de la integridad del territorio -, las Fuerzas Armadas ejercen numerosas funciones complementarias, sobre todo en el campo social. Presentemente, se empeñan en un proceso de reciclaje - de tecnologías, métodos y de personal -, para atender mejor las crecientes demandas que les impone la sociedad.

**Abstract**NEW HORIZONS FOR  
INCREASED VALUE ON THE  
ARMED FORCES

The multiple geopolitical changes in the world, dictated by technological advances, the end of the Cold War and globalization of economies, call for a new examination of the concept of sovereignty, but do not eliminate the role of the Armed Forces. In Brazil, besides their essential mission of defending the national territory, the Armed Forces carry out many complementary duties, especially in the area of social work. Currently, they are working on a recycling process - of technologies, methods and personnel -, in order to better meet the growing demands made on them by society.

---

Ruy Fabiano é editorialista do  
Correio Braziliense.

---